

FICHA TÉCNICA

Título original: *Serena*

Autor: *Ron Rash*

Copyright © 2008 by Ron Rash

Todos os direitos reservados

Edição portuguesa publicada por acordo com o autor e Marly Russoff Literary Agency,
Bronxville, New York, USA

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2014

Tradução: *Isabel Nunes e Helena Sobral*

Capa: *imagem gentilmente cedida pela NOS Lusomundo Audiovisuais*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, novembro, 2014

Depósito legal n.º 370 533/14

Reservados todos os direitos
para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

Ao meu irmão, Thomas Rash

Uma mão que com pulso pode agarrar o mundo.

CHRISTOPHER MARLOWE

PARTE I

UM

Quando Pemberton regressou às montanhas da Carolina do Norte, depois de três meses em Boston a tratar do património do pai, encontrou entre os que o esperavam na gare uma jovem grávida de um filho seu. A rapariga estava acompanhada do pai, que, debaixo da sobrecasaca coçada, escondia uma faca de mato diligentemente afiada nessa manhã a fim de a enterrar o mais profundamente no coração de Pemberton.

O revisor gritou «Waynesville», enquanto o comboio estacava com um estremeção. Pemberton olhou pela janela e avistou os seus sócios na gare, ambos envergando fato completo para conhecerem a noiva com quem casara havia dois dias, um bónus inesperado da sua estada em Boston. Buchanan, o eterno dândi, encerara o bigode e aplicara brilhantina no cabelo. Os sapatos de atacadores brilhavam polidos, e a camisa de algodão branco fora acabada de engomar. Wilkie usava um chapéu de feltro cinzento, tal como fazia frequentemente a fim de proteger a careca do sol. Uma chave da Phi Beta Kappa de Princeton¹ reluzia na corrente do relógio do homem mais velho, e um lenço de seda azul aninhava-se no bolso do peito.

Pemberton abriu a tampa do relógio de ouro e verificou que o comboio chegara à hora certa. Voltou-se para a noiva, que viera a dormir, pois a noite de Serena havia sido povoada de sonhos particularmente incómodos. Por duas vezes, havia-o acordado agitada, atingindo-o ferozmente até tornar a adormecer. Beijou-a ao de leve nos lábios, e ela acordou.

¹ Insígnia do prestigiado clube de estudantes dos Estados Unidos. (NT)

— Não é o melhor sítio para a lua de mel.

— Serve muito bem — comentou Serena, apoiando-se no ombro dele. — Estamos juntos, é o que interessa.

Pemberton inalou o aroma vibrante do talco *Tre Jur* e recordou como não havia apenas cheirado mas também saboreado a sua intensidade na pele dela nessa manhã. Um bagageiro aproximou-se pelo corredor a assobiar uma canção que Pemberton não conhecia. O seu olhar voltou-se de novo para a janela.

Ao lado da bilheteira, Harmon e a filha esperavam, o homem, de ombros caídos, encostado à parede de tábuas em madeira de castanheiro. Ocorreu a Pemberton que, naquelas paragens, os homens raramente mantinham uma postura direita. Ao invés, sempre que possível, reclinavam-se de encontro a uma árvore ou a uma parede. Na sua ausência, preferiam agachar-se com as nádegas contra os calcanhares. Harmon segurava na mão uma caneca praticamente vazia. A filha sentava-se no banco, muito direita, a exhibir a sua gravidez. Pemberton não se lembrava do nome dela. Não se surpreendia de os ver nem de que a rapariga estivesse grávida. Era o seu filho, soubera na noite antes de ele e Serena terem partido de Boston. *O Abe Harmon está aqui a dizer que tem umas coisas a tratar consigo, por causa da filha dele*, dissera-lhe Buchanan quando telefonara. *Podem ser só coisas de bêbedo, mas achei que devia saber.*

— A comissão de boas-vindas inclui algumas pessoas da terra — anunciou ele à noiva.

— Tal como nos tinham dito — retorquiou Serena.

Por um momento, pousou a mão direita no pulso dele, e Pemberton sentiu-lhe os calos na parte superior da palma da mão e a aliança de ouro simples, sem diamantes. Era igual à sua em tudo exceto no tamanho. Ergueu-se e retirou dois sacos de viagem da bagageira por cima dos assentos. Entregou-os ao bagageiro, que recuou e os seguiu enquanto Pemberton conduzia a noiva pelo corredor e pelos degraus até ao cais. Entre o aço e a madeira havia um intervalo de mais de meio metro. Serena não lhe estendeu a mão para alcançar as tábuas do soalho da gare.

Buchanan cruzou um olhar com Pemberton, esboçando um aceno de aviso na direção de Harmon e da filha, antes mesmo de saudar

Serena rigidamente com uma vénia formal. Wilkie tirou o chapéu de feltro. Com um metro e setenta e cinco, Serena era mais alta que ambos os homens, mas Pemberton sabia que outros aspetos da sua aparência ajudavam a alimentar a óbvia surpresa de Buchanan e de Wilkie — trajava calças e botas em vez de um vestido e de um chapéu «cloche», a pele bronzeada pelo sol gritava a sua condição social, os lábios e as maçãs do rosto sem qualquer vestígio de ruge, o espesso cabelo louro cortado curto, claramente feminina mas austera.

Serena aproximou-se do homem mais velho e estendeu-lhe a mão. Embora, aos setenta anos, tivesse mais do dobro da sua idade, Wilkie mirava-a como um rapazinho de escola enamorado, premindo o chapéu sobre o esterno como se para esconder um coração já aprisionado.

— É o Wilkie, presumo.

— Sim, sim, sou eu — tartamudeou ele.

— Serena Pemberton — apresentou-se ela, ainda de mão estendida.

Por um momento, Wilkie atrapalhou-se com o chapéu antes de libertar a mão direita e apertar a de Serena.

— E o Buchanan — proferiu ela, virando-se para o outro sócio.
— Correto?

— Sim.

Buchanan tomou a mão que se lhe oferecia e cobriu-a com a sua, desajeitado.

Serena sorriu. — Não sabe dar um aperto de mãos como deve ser, Mr. Buchanan?

Pemberton observou divertido, enquanto o outro corrigia o cumprimento e retirava a mão com rapidez. Durante o ano em que a Companhia Madeireira de Boston operara naquelas montanhas, a mulher de Buchanan viera apenas uma vez, chegando num vestido de tafetá cor-de-rosa que se sujara antes mesmo de ter atravessado a única rua de Waynesville e ter entrado em casa do marido. Ficara uma noite e partira no comboio da manhã seguinte. Agora ele e a mulher encontravam-se uma vez por mês para um fim de semana em Richmond, o local mais a sul a que ela se deslocava. A mulher de Wilkie nunca abandonara Boston.

Os sócios de Pemberton pareciam incapazes de prosseguir a conversa. Os olhos desviavam-se para as calças de montar de cabedal de Serena, a camisa *Oxford* bege e as botas pretas. A dicção correta e a postura direita confirmavam que, tal como as suas mulheres, Serena havia frequentado uma boa escola feminina. Porém, nascera no Colorado e lá vivera até aos dezasseis anos, filha de um madeireiro que a ensinara a apertar as mãos com firmeza e a olhar os homens nos olhos, bem como a andar a cavalo e a atirar. Serena só viera para leste depois da morte dos pais.

O bagageiro pousou os sacos na plataforma e afastou-se na direção da carruagem das bagagens onde se encontravam os baús: o grande *Saratoga* de Serena e o mais pequeno de Pemberton.

— Presumo que o Campbell tenha levado o árabe para o acampamento — disse Pemberton.

— Sim — confirmou Buchanan —, embora quase matasse o jovem Vaughn. Aquele cavalo não é apenas grande, também tem muita raça, um «capão brioso» como eles dizem.

— Como vão as coisas no acampamento? — quis saber Pemberton.

— Nada de grave — adiantou Buchanan. — Um trabalhador encontrou rastos de um lince em Laurel Creek e pensou que se tratava de um puma. Algumas equipas recusaram-se a voltar lá até o Galloway ter passado tudo a pente fino.

— Pumas — interveio Serena —, são vulgares por aqui?

— Não são, Mrs. Pemberton — respondeu Wilkie de forma tranquilizadora. — Posso dizer-lhe que o último a ser abatido neste estado foi em 1920.

— Apesar disso, os habitantes locais continuam a acreditar que ainda resta um — explicou Buchanan. — Há toda uma crença popular em redor disto, com todos os trabalhadores cientes do assunto, não só do seu tamanho enorme mas também da sua cor, que pode ir de ruivo a preto retinto. Eu sinto-me bastante satisfeito se o animal permanecer no domínio do folclore, mas o seu marido gostaria que fosse de outra forma. Deseja que o animal seja real para poder caçá-lo.

— Isso era antes do casamento — observou Wilkie. — Agora que o Pemberton é um homem casado, tenho a certeza de que vai desistir de caçar panteras para se dedicar a entretenimentos menos perigosos.

— Espero que continue a perseguir a sua pantera e ficaria desapontada se deixasse de o fazer — retorquiu Serena, virando-se para se dirigir ao marido e aos seus sócios igualmente. — O Pemberton é um homem sem medo de desafios, e foi por isso que me casei com ele.

Serena fez uma pausa, esboçando um sorriso ligeiro que lhe enrugou o rosto.

— E foi por isso que ele se casou comigo.

O bagageiro pousou o segundo baú no cais. Pemberton deu-lhe uma moeda de vinte e cinco cêntimos e mandou o homem embora. Serena dirigiu o olhar para pai e filha, que agora se sentavam no banco, lado a lado, vigilantes e silenciosos, quais atores à espera das suas deixas.

— Não sei quem são — proferiu ela.

A filha continuou a fixar o olhar sombrio em Serena. Foi o pai quem falou com a voz entaramelada.

— Aquilo que tenh'a tratar não é consigo. É com esse aí ao seu lado.

— Os assuntos dele são meus — anunciou ela —, tal como os meus são dele.

Harmon fez um aceno na direção da barriga da filha e depois voltou-se de novo para Serena.

— Não este assunto. Este foi antes d'aqui ter chegado.

— Está a sugerir que ela está grávida do meu marido.

— Eu não 'tou a *sugerir* nada — afirmou Harmon.

— Então é um homem de sorte — continuou Serena. — Não poderia encontrar um melhor progenitor para ela procriar. O tamanho da barriga é a prova.

Serena transferiu o olhar e as palavras para a filha.

— Mas é o único que vais ter dele. Agora estou cá eu. Qualquer outra criança que ele tenha será minha.

Harmon soergueu-se, e Pemberton viu de relance o cabo de madre-pérola de uma faca de mato antes de o casaco assentar e o esconder. Interrogou-se sobre como poderia um homem daqueles

possuir uma tão bela arma. Talvez fosse o espólio de uma noite de póquer ou uma relíquia herdada de um antepassado mais próspero. O rosto do chefe da estação apareceu atrás da divisória de vidro, deteve-se por momentos e desapareceu. Um grupo de montanhesez desajeitados, todos empregados da Madeireira de Boston, observavam inexpressivamente de um redil contíguo.

Entre eles encontrava-se um capataz de nome Campbell, cujos inúmeros deveres incluíam servir de ligação entre os trabalhadores e os proprietários. No campo, usava sempre camisas de cambraia cinzenta e calças de bombazina, mas naquela tarde trazia jardineiras como os outros homens. *É domingo*, apercebeu-se Pemberton, sentindo-se momentaneamente desorientado. Não conseguiu recordar-se quando fora a última vez em que olhara para um calendário. Em Boston, com Serena, o tempo parecera aprisionado no círculo dos ponteiros dos relógios — horas e minutos que corriam, incapazes de se libertarem a fim de se transformarem em dias que passavam. Contudo, os dias e os meses haviam decorrido, tal como a barriga saliente da rapariga evidenciava.

As grandes mãos com sardas de Harmon agarraram a borda do banco, e o homem inclinou-se ligeiramente para a frente. Os seus olhos azuis fitavam Pemberton.

— Vamos para casa, pai — pediu-lhe a filha, pousando a mão na dele.

O homem afastou a mão como se se tratasse de uma mosca incómoda e levantou-se, oscilando por momentos.

— Malditos sejam ambos — proferiu, dando um passo na direção dos Pembertons.

Abriu a sobrecasaca e retirou a faca de mato da bainha de cabedal. A lâmina apanhou o sol do fim da tarde e, por um breve instante, pareceu que Harmon segurava na mão uma chama cintilante. Pemberton olhou a jovem, que cobria a barriga com as mãos como para proteger o filho ainda não nascido do que sucedia.

— Leva o teu pai para casa — disse-lhe ele.

— Pai, por favor — pediu-lhe ela.

— Vão buscar o xerife McDowell — gritou Buchanan aos homens que observavam do redil.

Um capataz de equipa chamado Snipes fez como lhe fora ordenado, caminhando em passos rápidos não na direção do tribunal, mas sim para a pensão em que o xerife residia. Os outros homens permaneceram onde estavam. Buchanan moveu-se para se interpor entre os dois homens, mas Harmon afastou-o, brandindo a faca.

— Vamos resolver isto agora — bradou Harmon.

— Ele tem razão — proferiu Serena. — Pega na tua faca e resolve o assunto agora, Pemberton.

Harmon deu um passo em frente, hesitando ligeiramente enquanto diminuía a distância entre os dois.

— É melhor dar-lhe ouvidos — avisou Harmon, dando mais um passo em frente —, que um de nós vai sair disto com os dedos dos pés virados para cima.

Pemberton inclinou-se e abriu o saco de viagem em calfe, procurando às apalpadelas o presente de casamento que Serena lhe oferecera. Retirou a faca de caça da bainha e encaixou o cabo de osso de alce na palma da mão, a superfície rugosa a permitir empunhá-la na perfeição. Por um momento, demorou-se a apreciar o toque de uma arma bem construída, o balanço e a solidez da faca, a lâmina e o punho calibrados de maneira precisa tal como as espadas com que tinha esgrimido em Harvard. Despiu o casaco e dobrou-o sobre o punho.

Harmon deu um novo passo em frente, e ficaram a menos de um metro um do outro. Mantinha a faca alta e virada para o céu, e Pemberton percebeu que o homem, embriagado ou sóbrio, poucas vezes teria lutado com uma faca. Harmon golpeou o ar entre os dois. Os dentes amarelados pelo tabaco estavam cerrados, e as veias do pescoço retesadas como cabos. Pemberton mantinha a faca baixa, junto ao corpo. Cheirava o álcool ilegal no bafo do outro, um odor oleoso e desagradável, como querosene.

Harmon investiu, e Pemberton ergueu o braço esquerdo. A faca de mato cortou o ar mas o seu percurso em arco foi interrompido quando o braço de Harmon bateu no de Pemberton. Harmon fez um movimento brusco, e a faca arranhou a pele de Pemberton, que deu mais um passo com a lâmina da faca de caça na horizontal. Fê-la deslizar para dentro do casaco de Harmon e o aço rompeu o

tecido da camisa, perfurando a carne mole acima da anca do lado esquerdo. Agarrou o ombro de Harmon com a mão livre para servir de alavanca e rapidamente abriu um sorriso estreito através do estômago do homem. Um botão de madeira de cedro saltou da camisa branca ensanguentada de Harmon, caiu sobre as tábuas da gare, rodou por momentos e ficou-se imóvel. Então ouviu-se um som de sucção baixo enquanto Pemberton retirava a lâmina. Por alguns momentos, não se viu sangue.

A faca de mato de Harmon caiu ao chão num estrépito. Como um homem que tenta anular os passos que o levaram até àquele momento, o montanhês levou as mãos ao estômago e lentamente recuou, deixando-se cair depois sobre o banco. Levantou as mãos para avaliar os danos, e os intestinos soltaram-se-lhe pelo colo em flácidos cordões cinzentos. Harmon examinou os interiores do seu corpo como que a conferir de novo o seu destino. Ergueu a cabeça mais uma vez e encostou-a à parede de madeira atrás de si. Pemberton desviou o olhar enquanto os olhos azuis do homem se apagavam.

Agora Serena postara-se a seu lado.

— O teu braço — alertou-o ela.

Apercebeu-se de que a sua camisa de popelina fora golpeada abaixo do cotovelo e o tecido azul escurecido por sangue. Serena soltou o botão de punho em prata e subiu a manga, examinando o golpe que atravessava o antebraço.

— Não necessita de pontos — anunciou ela —, apenas tintura de iodo e um penso.

O marido anuiu. A adrenalina invadia-o e, quando o rosto apreensivo de Buchanan se aproximou, as feições do sócio — o bigode negro aparado entre o nariz estreito e pontiagudo e a boca pequena, os olhos redondos de um verde-pálido que pareciam sempre exprimir uma ténue surpresa — pareceram-lhe simultaneamente vivas e remotas. Por diversas vezes, Pemberton inspirou profunda e deliberadamente, pois pretendia acalmar-se antes de falar com alguém.

Serena apanhou a faca de mato e levou-a à filha de Harmon, que se debruçava sobre o pai, as mãos embalando o rosto vazio junto

a si como se ainda pudesse transmitir-lhe algo. Escorriam-lhe lágrimas pelo rosto, mas não soltava qualquer som.

— Toma — sugeriu, segurando na faca pela lâmina. — Por direito, pertence ao meu marido. É uma bela faca, e podes obter um bom preço por ela, se quiseres. Era o que eu faria — acrescentou. — Vendê-la, quero dizer. O dinheiro será uma ajuda para quando a criança nascer. De mim e do meu marido não receberás nada mais.

A rapariga encarou Serena com o olhar fixo, mas não estendeu a mão para receber a arma. A mulher pousou a faca no banco, atravessou o cais e postou-se ao lado do marido. Com exceção de Campbell, que caminhava em direção à gare, os homens encostados ao redil não se haviam movido. Pemberton sentiu-se agradado por eles estarem presentes, pois, pelo menos, alguma coisa boa poderia advir do que se havia passado. Os trabalhadores já se tinham apercebido de que era fisicamente tão forte quanto eles; haviam-no entendido na primavera anterior quando tinham assentado os carris da via férrea. Naquele momento sabiam que podia matar um homem, haviam-no visto com os próprios olhos. Respeitá-lo-iam, e Serena ainda mais. Voltou-se e encontrou os olhos cinzentos da mulher.

— Vamos para o acampamento — sugeriu ele.

Colocou a mão no cotovelo de Serena, conduzindo-a para os degraus que Campbell acabara de subir. Como habitualmente, o rosto longo e angular do homem revelava-se enigmático; o capataz mudou de direção a fim de não caminhar diretamente ao encontro dos Pembertons — de uma forma tão casual que qualquer observador pensaria não ter sido deliberada.

Pemberton e Serena desceram da gare e seguiram pelos carris até onde Wilkie e Buchanan esperavam. Cinzas esmagavam-se debaixo dos pés, soltando pequenas baforadas de fumo cinzento, quais fósforos acabados de apagar. Pemberton olhou de relance para trás e avistou Campbell debruçado sobre a filha de Harmon, a mão pousada no seu ombro, a falar com ela. O xerife McDowell, envergando o seu traje elegante de domingo, também lá estava ao lado do banco. Ele e Campbell ajudaram a jovem a levantar-se e levaram-na para a estação.

— O meu *Packard* está aí? — perguntou a Buchanan.

O outro acenou afirmativamente, e Pemberton dirigiu-se ao rapaz das bagagens, que ainda se encontrava na gare.

— Traz os sacos e põe-nos no assento de trás, depois amarra o baú mais pequeno à bagageira. O comboio pode levar o baú maior mais tarde.

— Não acha que seria melhor falar com o xerife? — interrogou Buchanan depois de ter entregado a chave do *Packard* a Pemberton.

— Por que motivo teria eu de dar explicações a esse filho da mãe? — contrapôs Pemberton. — Você viu o que se passou.

Ele e Serena entravam no automóvel quando McDowell se aproximou em passos rápidos vindo de trás deles. Ao virar-se, Pemberton viu que, apesar do traje domingueiro, o xerife trazia o coldre. Tal como acontecia com a maioria dos montanheses, era difícil calcular a sua idade. Supunha que rondasse os cinquenta anos, embora o cabelo preto azeviche e o corpo firme correspondessem a um homem mais novo.

— Vamos ao posto — ordenou McDowell.

— Porquê? — inquiriu Pemberton. — Foi legítima defesa. Há uma dúzia de homens que testemunharam tudo.

— A acusação é de conduta desordeira, o que representa uma multa de dez dólares ou uma semana na prisão.

Pemberton tirou a carteira e entregou duas notas de cinco ao xerife.

— De qualquer das maneiras, vamos ao posto — insistiu McDowell. — Não sai de Waynesville antes de escrever uma declaração a atestar que se tratou de um ato de legítima defesa.

Estavam a menos de um metro um do outro, e nenhum dos homens recuava. Pemberton decidiu que não valia a pena lutar.

— Também necessita de uma declaração minha? — quis saber Serena.

McDowell olhou-a como se ainda não tivesse dado conta da sua presença.

— Não.

— Estender-lhe-ia a minha mão, xerife — proferiu ela —, mas, pelo que o meu marido me contou, provavelmente não a apertaria.

— E contou-lhe bem — replicou ele.

— Espero por ti no automóvel — anunciou Serena, dirigindo-se ao marido.

Quando Pemberton regressou, entrou no *Packard* e rodou a chave. Premiu o botão de arranque e destravou o travão de mão, e assim iniciaram o trajeto de quase dez quilómetros até ao acampamento. À saída de Waynesville, abrandou ao chegarem ao lago de dois hectares da serração, com a superfície escondida por toros amontoados e entrelaçados como fósforos. Travou e pôs o motor em ponto morto, mas deixou-o em funcionamento.

— O Wilkie queria a serração perto da cidade — esclareceu ele. — Não teria sido essa a minha opção mas resultou bastante bem.

Olharam para além da estática flotilha de toros à espera da madrugada, quando seriam desenredados e arrumados com uma vara na carreta e serrados. Serena brindou a serração com um olhar desatento; o mesmo tratamento teve o pequeno edifício em forma de «A» que Wilkie e Buchanan usavam como escritório. Pemberton apontou para uma árvore imensa que sobressaía dos bosques atrás da serração. A casca estava forrada por algo cor de laranja, e os ramos superiores estavam secos, sem folhas.

— Cancro do castanheiro.

— Ainda bem que demora anos até morrerem por completo — comentou Serena. — Isso dá-nos o tempo de que necessitamos, mas também uma boa razão para preferirmos mogno.

Pemberton encaixou a mão na bola de borracha dura no topo da maneta de mudanças. Engrenou, e continuaram.

— Que surpresa, as estradas pavimentadas — afirmou ela.

— Não são muitas. Esta sim, pelo menos por alguns quilómetros. A estrada para Asheville também. De comboio, chegaríamos ao acampamento mais depressa, mesmo que a vinte e poucos quilómetros à hora; contudo, deste modo posso mostrar-te as nossas propriedades.

Em breve abandonaram Waynesville, a paisagem a tornar-se cada vez mais montanhosa e menos habitada, com a ocasional nesga de terra de pasto, qual feltro verde cosido a um tecido mais áspero. Quase em pleno verão, Pemberton só agora se apercebia, as flores brancas dos abrunheiros secavam no chão, e a rama verde cobria os

ramos das árvores de madeiras nobres. Passaram por uma cabana; no pátio ao lado, uma mulher tirava água de um poço. A mulher não tinha sapatos, e a criança loura junto dela trazia as calças apertadas por um cordão.

— Estes montanheses — comentou Serena, olhando pela janela. — Já li que têm vivido tão isolados que a sua maneira de falar remonta aos tempos isabelinos.

— O Buchanan acha que sim — retorquiu o marido. — Ele mantém um registo das suas palavras e expressões.

Iniciaram uma subida mais íngreme, e em breve deixaram de se ver quintas. Pemberton começou a sentir a pressão nos ouvidos e engoliu. Abandonou o asfalto e virou para uma estrada de terra que ascendia em curvas por mais de um quilómetro e meio até uma subida final acentuada. Parou o automóvel, e saíram ambos. Do lado direito da estrada, havia um afloramento de granito inclinado ao longo do qual gotejava água. Para a esquerda, apenas uma descida abrupta; isso e uma pálida Lua redonda, esperando impaciente pela noite.

Pemberton segurou na mão de Serena, e aproximaram-se os dois da beira do despenhadeiro. Em baixo, o vale de Cove Creek fazia recuar as montanhas, abrindo uma área plana de pouco mais de duzentos e cinquenta hectares. No centro do vale estava o acampamento, rodeado por um ermo de tocos e de ramos. À esquerda, a zona de Half Acre Ridge também havia sido despida de árvores. À direita, erguia-se a montanha Noland, a parte inferior da qual se apresentava igualmente desflorestada. Atravessando o vale, a linha ferroviária parecia ter sido alinhavada ao solo da planície.

— Nove meses de trabalho — anunciou Pemberton.

— No Oeste, tê-lo-íamos feito em seis — retorquiu ela.

— Aqui temos quatro vezes mais chuva. Além disso, ainda tivemos de assentar a linha do comboio.

— Essa é que é a diferença — concedeu Serena. — Até onde vai a nossa propriedade?

Ele apontou para norte. — Até à montanha que fica para além daquela em que estamos a cortar agora.

— E para oeste?

— Até à montanha Balsam — prosseguiu ele, continuando a apontar. — Para sul, até ao cume de Horse Pen; para leste, conseguem ver daqui o local onde parámos.

— Mais de treze mil e quinhentos hectares.

— Havia ainda mais dois mil e oitocentos hectares a leste de Waynesville que já cortámos.

— E para oeste, é a Champion Paper que é proprietária?

— Sim, até à fronteira com o Tennessee.

— É essa a terra de que eles andam atrás para o parque?

Pemberton assentiu. — E se a Champion vender, em seguida, eles virão atrás de nós.

— Só que nós não permitiremos — disse Serena.

— Não, pelo menos até termos terminado. O Harris, o nosso magnata local de cobre e de caulino, esteve presente na reunião de que te falei e foi muito claro ao dizer que, tal como nós, era contra este esquema do parque nacional. Nada mau termos o homem mais rico do condado do nosso lado.

— Ou como futuro sócio — acrescentou Serena.

— Vais gostar dele — comentou Pemberton. — É arguto e não tem paciência para tolos.

Serena tocou-lhe no braço acima da ferida.

— Temos de ir e fazer-te o penso.

— Primeiro, um beijo — contrapôs Pemberton, levando as mãos entrelaçadas até ao fundo das costas dela e atraindo-a até si.

Serena ergueu os lábios e premiu-os firmemente contra os dele. Com a mão livre, agarrou-lhe a nuca para o puxar até si; uma excitação suave do seu bafo encheu a boca de Pemberton à medida que ela entreabria os lábios, os dentes e a língua tocando os seus. Serena encostou todo o corpo ao dele, como sempre incapaz de recato, mesmo da primeira vez que se haviam encontrado. Pemberton sentiu de novo aquilo que nunca havia sentido com qualquer outra mulher — uma noção de libertação para possibilidades infundáveis, se bem que, ao mesmo tempo, de alguma forma limitada aos dois.

Entraram no *Packard* e desceram ao vale. A estrada tornou-se mais acidentada, com os desníveis e os aluimentos mais pronunciados. Atravessaram um riacho entupido de sedimentos, seguindo-se

mais bosques até estes desaparecerem e darem lugar ao vale, agora sem qualquer estrada, apenas uma larga porção de lama e de terra. Passaram uma cavalaria e um edifício retangular e estreito, cuja divisão da frente servia de escritório onde se faziam os pagamentos e a das traseiras, de bar e de casa de jantar. À direita, situavam-se o refeitório dos trabalhadores e o armazém. Atravessaram a linha do comboio, passando pela fila de vagões abertos esperando pela manhã seguinte. Um pequeno vagão que servia de consultório médico jazia ao lado da linha, com as rodas ferrugentas enterradas no solo.

Passaram abaixo de uma fila de três dúzias de casas precariamente empoleiradas em Bent Knob Ridge, apoiadas em estacas irregulares de madeira de alfarrobeira. Lembravam vagões em madeira de má qualidade, não só em tamanho e na aparência como na forma como eram ligadas umas às outras por cabos, que as mantinham em fila. Em cima de cada uma, via-se um aro em ferro. Machados haviam aberto buracos lascados que serviam de janelas.

— Os alojamentos dos trabalhadores, presumo — adiantou Serena.

— Sim. Assim que terminarmos aqui, podemos colocá-los em vagões abertos e transportá-los para o novo local. Os homens nem sequer têm de mudar os seus pertences.

— Muito eficiente — concedeu Serena, acenando com a cabeça enquanto falava. — Quanto é que pagam de renda?

— Oito dólares por mês.

— E quanto é que recebem de salário?

— Agora dois dólares por dia, mas o Buchanan quer aumentá-los para dois e vinte.

— Porquê?

— Ele alega que vamos perder homens para outros acampamentos — explicou Pemberton, enquanto estacionava em frente da casa. — Eu digo que estas expropriações de terras por parte do governo significam um excesso de trabalhadores, especialmente se a Champion vender.

— O que é que o Wilkie diz?

— O Wilkie concorda comigo — retorquiui Pemberton.
— Diz que a coisa boa deste *crash* da bolsa é a mão de obra mais barata.

— Concordo contigo e com o Wilkie — rematou ela.

Um jovem de nome Joel Vaughn esperava-os nos degraus da frente; a seu lado, uma caixa de cartão com carne, pão, queijo e uma garrafa de vinho. Quando Pemberton e Serena saíram do automóvel, o rapaz levantou-se e tirou a boina de golfe em lã, deixando à mostra um tufo espesso de cabelo ruivo. Campbell havia percebido rapidamente que o jovem era, tal como ele, dotado de um espírito brilhante e tinha-o encarregado de deveres habitualmente atribuídos a trabalhadores com mais idade, incluindo dominar um cavalo tão fogoso quanto valioso — tal como os braços arranhados e a maçã do rosto inchada testemunhavam. Vaughn retirou os sacos do automóvel e seguiu Pemberton e a sua noiva até ao alpendre. Pemberton abriu a porta e fez um sinal indicando ao rapaz que deveria entrar primeiro.

— Eu levava-te ao colo — anunciou —, não fosse a ferida do braço.

Serena sorriu. — Não te preocupes, Pemberton. Eu cá me arranjo.

Entrou, e ele seguiu-a. Por um momento, examinou o interruptor de electricidade com ceticismo, duvidando que funcionasse. Em seguida, acionou-o.

Na sala da frente, viam-se duas cadeiras de braços estofadas colocadas em frente da lareira. Para a esquerda, uma pequena cozinha com o seu fogão *Homestead* e uma geladeira. Uma mesa em madeira de choupo e quatro cadeiras com assentos em palhinha haviam sido colocadas em frente à única janela da divisão. Serena fez um aceno de concordância e atravessou a entrada, olhando de relance para a casa de banho antes de entrar na divisão do fundo. Acendeu o candeeiro da mesa de cabeceira e sentou-se na cama de ferro forjado; examinou a firmeza do colchão e pareceu satisfeita. Vaughn assomou à entrada do quarto com o baú que havia pertencido ao pai de Pemberton.

— Põe-no no roupeiro da entrada — ordenou ele.

Vaughn fez o que lhe era pedido e saiu, regressando com a comida e o vinho.

— Mr. Buchanan achou que poderiam necessitar de algo para comer.

— Põe em cima da mesa — disse Pemberton. — Depois vai buscar tintura de iodo e gaze ao consultório.

O jovem parou com os olhos fixos na manga ensanguentada.

— Quer que vá chamar o doutor Cheney?

— Não — adiantou Serena. — Eu faço o penso.

Depois de Vaughn sair, Serena chegou-se à janela e espreitou a fileira de casas.

— Os trabalhadores têm eletricidade?

— Só no refeitório.

— É melhor assim — opinou ela, voltando para o centro da sala.

— Não apenas pelo dinheiro que se poupa, mas também pelos homens. Trabalham mais se viverem como espartanos.

Pemberton ergueu a palma de uma mão aberta em direção às paredes nuas em madeira não tratada da divisão.

— Isto também é bastante espartano.

— É dinheiro livre para comprarmos mais terrenos com madeira — argumentou ela. — Se quiséssemos gastar a riqueza de outra forma, teríamos ficado em Boston.

— É verdade.

— Quem é que vive ao nosso lado?

— O Campbell. É um homem muito valioso aqui no acampamento. Sabe de contabilidade, sabe reparar o que quer que seja e sabe medir com uma corrente de Gunter tão bem como qualquer dos topógrafos.

— E a última casa de quem é?

— Do doutor Cheney.

— O brincalhão de Wild Hog Gap.

— O único médico que conseguimos arranjar que quisesse viver aqui. Mesmo assim, tivemos de lhe oferecer casa e automóvel.

Serena abriu o guarda-fato com gavetas de um lado e espaço para pendurar do outro e perscrutou o seu interior; depois, examinou o roupeiro.

— E que é feito do meu presente de casamento, Pemberton?

— Está na cavalaria.

— Nunca vi um cavalo árabe branco.

— É impressionante — declarou ele.

— Amanhã de manhã vou levá-lo a sair.

Quando Vaughn trouxe a tintura de iodo e a compressa, Serena sentou-se na beira da cama, desabotoou a camisa do marido e removeu a arma presa por trás do cinto. Retirou a faca da bainha e examinou o sangue seco na lâmina antes de a colocar sobre a mesinha de cabeceira. Em seguida, abriu o frasco da tintura de iodo.

— Como é que é lutar com um homem assim? Com uma faca, quero dizer. É como esgrimir... ou é mais íntimo?

Pemberton tentou pensar como poderia pôr em palavras o que havia sentido.

— Não sei — disse por fim. — Só sei que parece absolutamente real e irreal ao mesmo tempo.

Serena segurou-lhe no braço com mais força, mas a voz tornou-se mais suave.

— Agora vai arder — disse ela, deixando o líquido castanho-avermelhado escorrer lentamente sobre a ferida. — A razão pela qual te tornaste famoso em Boston, essa briga de facas foi parecida com a de hoje?

— Na verdade, em Boston foi uma caneca de cerveja — retorquiu Pemberton. — Foi mais um acidente durante uma briga num bar.

— A história de que ouvi falar envolvia uma faca — explicou ela — e fazia concluir que a morte da vítima fora tudo menos acidental.

Enquanto Serena fazia uma pausa para retirar o excesso de iodo que escorria da ferida com pancadinhas suaves da compressa, Pemberton interrogou-se se não haveria um ligeiro tom de desapontamento na voz da mulher ou seria apenas a sua imaginação.

— Mas hoje não foi um acidente — notou ela. — «Eu mesma empunharei a espada, ainda que tenha de morrer.²»

² Citação da tragédia grega *Medeia*, de Eurípidés. (NT)

— Não reconheço a citação — confessou Pemberton. — Não sou tão erudito quanto tu.

— Não interessa. É uma máxima que se deve aprender da forma como aprendeste e não a partir de um livro.

Enquanto Serena soltava mais gaze do rolo, Pemberton sorriu.

— Quem sabe? — disse em tom ligeiro. — Suponho que, num sítio tão primitivo quanto este, saber manejar uma faca não esteja apenas ao alcance de um sexo. Pode ser que tenhas de lutar com alguma bruxa a cheirar a rapé e aprendas da mesma maneira que eu.

— Fá-lo-ia — anunciou ela, medindo as palavras enquanto falava —, nem que fosse para partilhar o que sentiste hoje. É isso que pretendo, que tudo o que faz parte de ti faça parte de mim também.

Pemberton observou o tecido ficar mais espesso à medida que Serena o enrolava à volta do antebraço, com o iodo a ensopar as primeiras camadas e, em seguida, apenas a manchar o penso. Recordou a festa em Back Bay um mês antes quando Mrs. Lowell, a dona da casa, se lhe dirigira. «Há aqui uma jovem que gostaria de lhe ser apresentada, Mr. Pemberton», anunciou a respeitável mãe de família. «Contudo, tenho de o pôr de sobreaviso. Tem assustado todos os homens solteiros de Boston.» Pemberton recordou como havia assegurado que não era homem de se assustar com facilidade e que o mais provável era que a senhora em questão devesse ser posta de sobreaviso por sua causa. Mrs. Lowell notara a justeza do seu comentário e, sorrindo tal como ele, tinha-lhe dado o braço. «Vamos lá conhecê-la. Lembre-se apenas de que foi avisado, tal como eu a avisei.»

— Pronto — exclamou Serena, ao terminar a tarefa. — Em três dias terá sarado.

Pegou na faca e levou-a para a cozinha, lavando-a com água e um pano. Enxugou-a e regressou à divisão das traseiras.

— Amanhã afio a lâmina com uma pedra de amolar — disse, pousando-a na mesa de cabeceira. — É uma arma digna de um homem como tu e feita para durar uma vida.

— E também para prolongar uma vida — observou ele —, como afortunadamente ficou provado hoje.

— E talvez no futuro, portanto mantém-na por perto.

— Vou pô-la no escritório — prometeu ele.

Serena sentou-se numa cadeira que estava em frente da cama e tirou as calças de montar. Despiu-se, sem olhar o que desabotoava e deixava cair no chão. Os olhos, esses mantinha-os fixos em Pemberton. Retirou a roupa interior e postou-se em frente dele. As mulheres que havia conhecido antes dela tinham sido tímidas em relação ao corpo, esperando que se fizesse escuro ou puxando os lençóis para cima, mas essa não era a maneira de Serena.

Com exceção dos olhos e do cabelo, não possuía uma beleza convencional: os seios e as ancas eram pequenos e as pernas muito longas em relação ao tronco. Os ombros estreitos, o nariz afilado e as maçãs do rosto altas aprimoravam-lhe o rigor severo do corpo. Os pés eram pequenos e, considerando todos os outros aspetos das suas particularidades, estranhamente delicados, de aparência vulnerável. Os seus corpos faziam um par perfeito, a forma ágil de Serena condizendo com a constituição mais encorpada e musculada dele. Noites havia em que os corpos se uniam tão ferozmente que a cama cedia e balançava debaixo deles. Pemberton escutava a respiração rápida e não sabia dizer se era a sua ou a de Serena. «Uma espécie de aniquilação» era como Serena descrevia esses momentos, e embora Pemberton nunca se pudesse ter lembrado dessas palavras, sabia que eram as exatas.

Serena não veio até ele de imediato, e uma languidez sensual apoderou-se dele. Olhou fixamente para o corpo dela, para os olhos que o haviam conquistado da primeira vez em que a vira, as íris da cor do estanho polido. Íris duras e densas como o estanho, que os salpicos dourados eram poucos dentro do cinzento, quais grãos de poeira flutuando na superfície. Olhos que não se cerraram quando os corpos se uniram, empurrando-o para dentro dela tanto com o olhar como com o corpo.

Serena abriu as cortinas para o luar se atravessar sobre a cama. Voltou as costas à janela e olhou em volta como se, por momentos, se tivesse esquecido de onde estava.

— Isto chega muito bem para nós — disse por fim, olhando de novo para Pemberton enquanto regressava à cama.

DOIS

Na manhã seguinte, Pemberton apresentou a noiva aos cem trabalhadores do acampamento. Enquanto falava, Serena postava-se a seu lado, envergando calças de montar pretas e uma camisa de ganga azul. As calças eram diferentes das do dia anterior, de fabrico europeu, o cabedal esfolado e gasto, as biqueiras das botas debruadas a prata já baça. Segurava nas rédeas do cavalo capão, a brancura do animal tão intensa que quase parecia translúcida à primeira luz da manhã. A sela sobre o lombo do cavalo era feita de cabedal alemão com abas estofadas com flocos de lã; custava mais do que um lenhador ganhava num ano. Vários homens fizeram comentários em voz baixa sobre os estribos, que não estavam emparelhados do lado esquerdo.

Wilkie e Buchanan encontravam-se no alpendre com chávenas de café na mão. Envergavam ambos fato e gravata, sendo a única concessão ao ambiente botas de cabedal até ao joelho, as bainhas das calças enfiadas para dentro para não se sujarem. Pemberton, cujas calças de tecido tigrado e camisa de trabalho aos quadrados eram pouco diferentes da roupa dos lenhadores, considerava tal vestuário levemente ridículo naquele ambiente, sobretudo perante o traje de Serena.

— O pai de Mrs. Pemberton era dono da Companhia Madeireira Vulcão, no Colorado — explicou ele aos trabalhadores. — Ensinou-a bem. Ela é tão boa como qualquer homem deste lugar, e em breve verão como isso é verdade. As ordens dela são para ser cumpridas tal como se fossem minhas.

Entre os lenhadores ali reunidos encontrava-se um capataz da equipa de abate, de barba espessa, chamado Bilded. Puxou um

escarro sonoro e cuspiu um bocado de muco amarelado para o chão. Com um metro e oitenta e cinco e mais de cem quilos, era um dos poucos homens do acampamento tão grande quanto Pemberton.

Serena abriu a bolsa da sela e tirou uma caneta *Waterman* e uma prancheta forrada a pele. Falou calmamente ao cavalo, passou as rédeas a Pemberton, aproximou-se de Bilded e parou onde ele cuspira. Apontou para um freixo branco ao lado do escritório; a árvore fora deixada de pé devido à sua sombra.

— Vou fazer uma aposta contigo — disse Serena a Bilded.
— Vamos ambos calcular a cubicagem daquele freixo. Depois escrevemos o nosso cálculo num pedaço de papel e vemos quem se aproximou mais.

Bilded ficou a olhar para ela por algum tempo, depois mirou a árvore como se já estivesse a calcular a altura e a largura. Quando falou, tinha os olhos postos na árvore e não em Serena.

— Com'ê que vamos saber quem é que ganha?

— Mando-a cortar e levar para a serração — interveio Pemberton. — Hoje à tardinha já sabemos quem ganhou.

O Dr. Cheney chegara-se também ao alpendre para assistir. Raspou a cabeça de um fósforo na balaustrada para acender o charuto que se seguia ao pequeno-almoço, o som tão audível que vários trabalhadores se viraram para ver de onde vinha. Pemberton também olhou e reparou como a manhã acentuava a palidez doentia do médico, fazendo com que o rosto gordo parecesse cinzento e maleável, qual massa suja para pão. Esse efeito era acentuado pela barbeta e as faces papudas.

— Quanto é que vamos apostar? — quis saber Bilded.

— O salário de duas semanas.

A quantia fez o homem hesitar.

— Não há aí nenhum truque? Eu ganho e recebo duas semanas extra?

— Sim — confirmou Serena —, e se perderes trabalhas duas semanas de graça.

Estendeu o bloco e a caneta a Bilded, mas este não ergueu a mão para lhes pegar. Um trabalhador atrás dele largou um riso abafado.

— Então, talvez queiras que seja eu a primeira? — perguntou Serena.

— Pois — retorquiu Bilded passados uns momentos.

Serena virou-se para a árvore e estudou-a por um bom minuto antes de erguer a caneta que segurava na mão esquerda e escrever um número. Rasgou a folha do bloco e dobrou-a.

— É a tua vez — declarou, passando o bloco e a caneta a Bilded.

O homem aproximou-se do freixo para avaliar melhor o perímetro, depois recuou e examinou a árvore mais algum tempo antes de escrever o seu número. Serena virou-se para Pemberton.

— Qual é o homem em quem tanto nós como os trabalhadores confiamos para guardar os nossos cálculos?

— O Campbell — disse Pemberton com um gesto de cabeça para o capataz que observava da porta do escritório. — Concordas, Bilded?

— Sim — respondeu ele.

Serena cavalgou na retaguarda da equipa de abate, seguindo as linhas do comboio em direção à vertente sul da montanha Noland, passando por hectares de tocos que, ao longe, lembravam marcas de túmulos num campo de batalha recentemente abandonado. Os lenhadores em breve largaram a linha férrea principal, que continuava pelo lado direito da montanha, seguindo um ramal, com os almoços em sacas de pano ou sacos de papel, leiteiras de lata e caixas de metal com o feitio de pães. Alguns homens usavam fatos-macaco de peitilho, outros, camisas de flanela e calças. A maior parte calçava botas *Chippawab*, alguns usavam sapatos de lona ou de cabedal. Os rapazes que faziam de batedores iam descalços. Os lenhadores ultrapassaram a locomotiva do comboio a que chamavam cascavel e as duas carruagens que traziam e levavam os trabalhadores que viviam em Waynesville, e logo depois os seis vagões abertos para a madeira e o carregador, chegando no fim do ramal ao trator de arrasto; este já fumegava e silvava, os longos cabos da retranca a desenrolarem-se dos bidões, subindo oitocentos metros até onde o braço traseiro se enroscava no toco maciço de uma noqueira. Ao longe, a retranca parecia um enorme carretel de pesca, os cabos como linhas lançadas. A retranca inclinava-se

para a montanha, e os cabos estavam tão esticados que parecia que a montanha estava presa, pronta a ser arrastada pelas linhas até Waynesville. Os troncos cortados ao fim da tarde de sábado ainda pendiam dos cabos, e os homens passavam cuidadosamente por baixo deles como se fossem nuvens carregadas de dinamite. Entretanto, o ar ia ficando mais rarefeito à medida que os trabalhadores subiam a encosta íngreme em busca de ferramentas escondidas debaixo de folhas e penduradas em ramos de árvores como as harpas dos antigos hebreus. Não apenas machados como também serras de corte transversal e cunhas de aço, vigas e croques, e pesados martelos de cinco e de três quilos. Algumas destas ferramentas tinham iniciais gravadas a fogo nos cabos, e outras tinham nomes como acontecia por vezes com os cavalos e as espingardas. Os cabos de todas à exceção das mais novas tinham sido amaciados pelas mãos de quem as usara, tal como sucede às pedras desgastadas pela água.

À medida que os homens avançavam por entre os tocos e a vegetação rasteira, olhavam atentamente onde pisavam, pois embora fosse raro as cobras mexerem-se antes de o sol iluminar totalmente as encostas, as vespas e os moscardos não lhes concediam tal delonga. O mesmo acontecia com a própria montanha, que podia fazer um homem tombar e cair pela vertente abaixo, em especial num dia como aquele em que a chuva recente deixara o solo escorregadio, fazendo-o ceder sob os pés e as mãos em busca de apoio. A maior parte dos lenhadores estava ainda exausta devido aos seis turnos de onze horas da semana anterior. Alguns sofriam de ressaca, outros estavam feridos. Enquanto abriam caminho montanha acima, tinham já bebido quatro ou cinco canecas de café e todos levavam cigarros e tabaco de mascar. Alguns usavam cocaína para se aguentarem e permanecerem alerta, pois uma vez iniciado o abate, um homem tinha de estar atento às lâminas dos machados que ressaltavam das árvores, aos dentes das serras que apanhavam um joelho, às torqueses que se soltavam do cabo que, por vezes, também se quebrava. Tinham sobretudo de estar atentos aos troncos rachados a que chamavam «criadores de viúvas» e que levavam minutos, horas e até dias antes de tombarem para o solo como dardos.

Pemberton ficou no alpendre, enquanto Serena seguiu as equipas para a floresta. Mesmo ao longe, conseguia ver o balanço das suas ancas e as costas arqueadas. Embora tivessem copulado nessa manhã assim como na noite anterior, Pemberton sentiu o desejo acelerar-lhe a pulsação, relembrando a imagem da primeira vez em que a vira montar no Clube de Caça da Nova Inglaterra. Nessa manhã, estava sentado no alpendre do clube a ver Serena e o seu cavalo saltar sebes e barreiras. Nunca fora homem de se deixar assombrar facilmente, mas essa era a única palavra que descrevia o que sentira enquanto Serena e o cavalo se erguiam e pairavam durante segundos antes de descerem do outro lado das barreiras. Sentira-se extremamente afortunado por se terem encontrado, embora Serena já lhe tivesse dito que o seu encontro não fora apenas uma questão de sorte mas sim inevitável.

Nessa manhã, no clube, duas mulheres haviam entrado na varanda, sentando-se perto dele, envergando, ao contrário de Serena, fraques de montar e chapéus altos pretos. Diante delas, um chá quente para as proteger do frio matinal. «Suponho que ela imagina que se monta sem um casaco e um toque *de rigueur*», dissera a mais nova das duas mulheres, ao que a outra respondera que no Colorado provavelmente era assim. «A mulher do meu irmão frequentou Miss Porter com ela», dissera a mulher mais velha. «Ela apareceu de repente um dia, uma órfã vinda do interior, do oeste. Embora seja uma mulher rica e com uma educação melhor do que se poderia imaginar, a Sarah Porter não conseguiu ensinar-lhe quaisquer finezas sociais. Demasiado orgulhosa, afirma a minha cunhada, mesmo para aquele grupo de soberbos. Algumas raparigas, com pena dela, convidaram-na para as suas casas nas férias, mas ela não só recusou como o fez em termos indelicados. Em vez disso, ficou lá na companhia daquelas matronas.»

A mais nova reparara que Pemberton as escutava e virara-se para ele. «Conhece-a?», perguntara. «Sim», retorquira ele. «É minha noiva.» A mulher mais nova corara, mas a companheira voltara-se para Pemberton com um sorriso. «Bem», dissera num tom gélido, «pelo menos ela considera-o digno da sua companhia.»

Para lá do breve comentário de Mrs. Lowell sobre anteriores pretendentes, aquela manhã fora a única vez em que ouvira falar do passado da noiva por alguém que não ela. E a própria Serena não adiantara muito. Quando Pemberton lhe perguntara pelos tempos passados no Colorado ou em Nova Inglaterra, as respostas tinham sido quase sempre superficiais, dizendo-lhe que ela e ele precisavam tanto do passado como este deles próprios.

Contudo, os seus pesadelos continuavam. Ela nunca se lhes referia, mesmo quando Pemberton perguntava, mesmo quando ele puxava para si o seu corpo agitado, arrancando-a ao sonho como se a salvasse de uma onda traiçoeira. Tinha a certeza de que tinha alguma coisa a ver com o que acontecera à sua família no Colorado. Estava igualmente certo de que outros que a conheciam ficariam atônitos com o seu ar infantil naqueles momentos, com a forma como se agarrava ferozmente a ele até cair de novo no sono, a choramingar.

A porta da cozinha bateu, quando um trabalhador saiu e arremessou um alguidar de água de lavar a loiça suja para um fosso que tresandava a gordura e a restos de comida. O último lenhador desaparecera na floresta. Após um momento, Pemberton começou a ouvir os machados dos talhadores que davam já início ao corte das árvores, um som que lembrava tiros de espingarda a ricochetear pelo vale, à medida que os lenhadores serravam e faziam desaparecer mais uns quantos hectares de floresta virgem do condado de Haywood.

Por esta altura, a equipa escolhida para abater o freixo regressara ao acampamento com as suas ferramentas. Os três homens agacharam-se diante da árvore como se se tratasse de uma fogueira, falando entre eles sobre a melhor forma de começar. Campbell juntou-se-lhes, respondendo às perguntas dos lenhadores com palavras escolhidas para parecerem sugestões e não ordens. Passados uns minutos, Campbell ergueu-se e virou-se para o alpendre, fazendo um aceno de cabeça a Pemberton e demorando o olhar o tempo suficiente para confirmar que nada mais lhe seria pedido. Os seus olhos cor de avelã eram amendoados, como os de um gato. Pemberton achara que a sua amplitude era apropriada para um homem tão consciente do que se passava à sua volta, consciente e cauteloso,

razões pelas quais Campbell aguentara até aos trinta e tal anos numa ocupação onde a falta de atenção raramente era perdoada. Pemberton fez-lhe igualmente um aceno de cabeça, e Campbell subiu a linha para falar com o maquinista do comboio. Pemberton viu-o partir, reparando que até um homem tão cauteloso como ele perdera o dedo anelar. Se fosse possível juntar todos os pedaços de corpos cortados e cosê-los, ganhar-se-ia um novo trabalhador todos os meses, como gracejara um dia o Dr. Cheney.

A equipa de abate depressa mostrou por que motivo Campbell os escolhera. O lenhador principal pegou no machado e, com dois golpes precisos, fez um corte baixo a trinta centímetros do chão. Os dois serradores pousaram um joelho no solo e agarraram os cabos de nogueira com ambas as mãos, começando a serrar, pedaços de casca a estalarem e a quebrarem-se contra os dentes de aço. Os homens ganharam ritmo e, pouco depois, já a serradura se amontoava a seus pés, como o tempo a escoar-se numa ampulheta. Pemberton sabia que os trabalhadores que operavam as longas serras de vaivém com mais de três metros lhes chamavam «castigadoras» devido ao esforço que exigiam, mas ao observar aqueles homens parecia-lhe fácil, como se movessem a lâmina entre duas tábuas afagadas. Quando a serra começou a prender, o lenhador principal usou um malho para embeber uma cunha. Em quinze minutos a árvore jazia no chão.

Pemberton voltou para dentro e ocupou-se das faturas, olhando ocasionalmente pela janela para a montanha Noland. Desde a cerimónia do casamento que ele e Serena não tinham estado separados para além de uns quantos minutos. A ausência dela tornava a papelada mais entediante, o escritório mais vazio. Lembrou-se de como o acordara de manhã com um beijo nas pálpebras, a mão pousada ao de leve no ombro. Serena mostrava-se igualmente sonolenta e, ao puxar languidamente Pemberton para os seus braços, fora como se ele saísse do seu próprio sonho para entrar com ela num outro, melhor e mais intenso.

Serena esteve longe toda a manhã, a travar conhecimento com a paisagem, a aprender os nomes dos lenhadores, das cumeadas e dos ribeiros.

O relógio sobre a credência bateu o meio-dia, no momento em que o *Studebaker* de Harris parava junto ao escritório. Pousou as faturas na secretária e saiu ao encontro dele. Tal como Pemberton, Harris vestia-se pouco melhor que os trabalhadores; o único sinal da sua fortuna era um largo anel de ouro na mão direita com uma elegante safira encastrada, de um azul tão intenso como os seus olhos. Pemberton sabia que tinha setenta anos, mas o vigoroso cabelo branco e os cintilantes chumbos de ouro nos dentes correspondiam a um homem que não tinha nada de fraco.

— Então onde está ela? — perguntou Harris ao entrar no alpendre do escritório. — Uma mulher tão impressionante como afirma não devia estar escondida.

Harris interrompeu-se e sorriu, virando levemente a cabeça, o olho direito focado em Pemberton como se quisesse fazer a melhor pontaria possível.

— Bom, pensando melhor, talvez a deva esconder, se for como diz.

— Já vai ver — retorquiou Pemberton. — Foi até Noland. Podemos pegar nos cavalos e ir até lá.

— Não tenho tempo — retorquiou Harris. — Por muito que gostasse de conhecer a sua mulher, este disparate do parque é mais importante. O nosso estimado secretário do Interior conseguiu que o Rockefeller doasse cinco milhões. Agora o Albright vai conseguir certamente comprar as terras do Champion.

— Acha que eles vendem?

— Não sei — confessou Harris —, mas só o facto de o Champion estar a ouvir as propostas encoraja não só o secretário Albright mas também os restantes, aqui e em Washington. No Tennessee, já começaram a retirar lavradores das suas terras.

— Isto tem de ser decidido de uma vez por todas — declarou Pemberton.

— É claro que tem de ser decidido. Estou tão cansado como você de andar a forrar os bolsos daqueles advogados velhacos de Raleigh.

Harris tirou um relógio do bolso e viu as horas.

— É mais tarde do que pensava — constatou.

— Já teve oportunidade de ver a zona de Glencoe Ridge? — perguntou Pemberton.

— Passe pelo escritório no sábado de manhã, e vamos vê-la juntos. E traga a sua mulher — propôs Harris, detendo-se para assentir aprovadamente na direção dos tocos e das clareiras do vale. — Fez aqui um bom trabalho, apesar daqueles dois presumidos que tem como sócios.

Após a partida de Harris, Pemberton não voltou para o escritório. Foi a cavalo até à montanha Noland. Encontrou Serena a almoçar com dois capatazes. Por entre dentadas nas sanduíches, discutiam se a compra de um segundo trator de arrasto valeria a despesa acrescida. Pemberton desmontou e juntou-se-lhes.

— O freixo está na serração — anunciou ao sentar-se ao lado dela —, portanto o Campbell terá a cubicagem por volta das cinco e meia.

— Algum dos outros homens fez apostas contigo?

— Não.

— Algum de vós gostaria de apostar? — perguntou Serena aos capatazes.

— Não, m'nha senhora — retorquiu o mais velho. — Não tenho qualquer desejo de fazer apostas contra si em tudo o que diz respeito a madeira. Talvez tivesse antes desta manhã, mas não agora, especialmente depois de nos ter mostrado aquele truque com o estrangulador.

O mais jovem limitou-se a abanar a cabeça.

Os dois homens acabaram de comer e reuniram as suas equipas. Em breve o som dos machados e das serras de vaivém enchia os bosques em redor. O cavalo árabe resfolegou, e Serena aproximou-se e pousou-lhe a mão na crina. Falou com o cavalo, e o animal acalmou-se.

— O Harris passou por lá — disse Pemberton. — Quer que nós os três vamos dar uma olhada a Glencoe Ridge no sábado.

— Será que ele vai procurar algo mais para além do caulino e do cobre?

— Duvido — retorquiu Pemberton —, embora algum ouro tenha sido peneirado nos ribeiros do condado. Há minas de rubis e de safiras perto de Franklin, mas ficam a sessenta quilómetros daqui.

— Espero que descubra alguma coisa — disse Serena, aproximando-se e pegando-lhe na mão. — Será um novo começo para nós, a nossa primeira parceria a sério.

Pemberton sorriu. — E do Harris.

— Por enquanto — respondeu Serena.

Enquanto cavalgava de regresso ao acampamento, pensou numa tarde em Boston em que ele e Serena estavam deitados, os lençóis suados e emaranhados. Talvez o terceiro ou quarto dia que passara com ela. A cabeça dela repousava no seu ombro, a mão esquerda sobre o seu peito enquanto falava.

— Depois da Carolina, qual é a próxima etapa?

— Não pensei tão para a frente — retorquira Pemberton.

— «Pensei»? Por que motivo não «Pensámos»?

— Bem, uma vez que é «nós» — respondera Pemberton a brincar —, submeto-me a ti.

Serena erguera a cabeça e olhara-o nos olhos.

— O Brasil. Já investiguei. Florestas virgens de mogno. A única lei é a da natureza.

— Muito bem — acedera Pemberton. — Agora a única decisão com que «temos» de nos preocupar é onde jantar. Uma vez que decidiste tudo o mais em nosso nome, tenho permissão de escolher?

Serena não lhe respondera. Pelo contrário, pressionara mais a mão contra o seu peito, a palma imóvel enquanto media o bater da pulsação dele.

— Ouvi dizer que tinhas um coração forte, destemido — comentara. — E é verdade.

— Portanto, também pesquisas os homens tal como fazes às florestas? — quis saber Pemberton.

— Evidentemente — retorquira Serena.

*

Às seis da tarde, todos os trabalhadores do acampamento se juntaram defronte do escritório. Embora a maior parte das equipas fosse constituída por três homens, sempre que uma perdia um elemento juntava-se normalmente a outra, uma solução que nem sem-

pre era temporária. Um homem chamado Snipes funcionava como líder dessas equipas, uma vez que o outro capataz, Stewart, era um trabalhador diligente mas um timoneiro sem inspiração. Esta solução agradava tanto a Stewart como aos demais.

Na equipa de Snipes havia um pregador leigo analfabeto de nome McIntyre, muito dado a retumbantes declarações sobre o apocalipse iminente. Aproveitava todas as oportunidades para partilhar as suas opiniões, em especial com o reverendo Bolick, o clérigo presbiteriano que realizava serviços religiosos no acampamento nas noites de quarta-feira e aos domingos de manhã. O reverendo Bolick considerava o outro teólogo não só detestável como também demente e esforçava-se ao máximo por evitá-lo, à semelhança da maioria dos homens do acampamento. McIntyre estivera ausente toda a manhã com um ataque de disenteria, mas viera trabalhar ao meio-dia. Ao ver Serena postada no alpendre do escritório de calças, engasgou-se com a pastilha de mentol que chupava para acalmar o estômago.

— Ali 'tá ela — gaguejou —, a prostituta da Babilónia em carne e osso.

Dunbar, o membro mais novo da equipa, com dezanove anos, olhou para o alpendre sem compreender. Depois mirou McIntyre, de chapéu preto e a batina preta e roçada dos pregadores, que vestia mesmo nos dias mais quentes como sinal da sua verdadeira vocação.

— Onde? — perguntou Dunbar.

— No alpendre, ali postada tão desavergonhada como Jezabel.

Stewart, que juntamente com a mulher e a filha de McIntyre constituíam o total de membros da congregação do pregador, virou-se para ele e disse:

— E passa-lhe pela cabeça dizer tal coisa porquê, pregador?

— As calças! — proclamou o outro. — 'Tá no Apocalipse. Diz qu'a prostituta da Babilónia aparecerá nos últimos dias envergando calças.

Ross, um homem azedo pouco inclinado a gostar dos discursos explosivos de McIntyre, mirou o pregador como se se tratasse de um chimpanzé que aparecera no acampamento e começara a falar.

— Li o Apocalipse muitas vezes, McIntyre — disse Ross —, e não sei como é que não dei por esse versículo.

— Não 'tá na Bíblia oficial — retorquiu McIntyre. — 'Tá no texto grego original.

— Ah, e você lê grego, não é verdade? — gozou Ross. — É espantoso pra um homem que nem consegue ler inglês.

— Bem, não — admitiu o outro lentamente. — Não leio grego, mas ouvi dizer ós que leram.

— Ós que leram — repetiu Ross a abanar a cabeça.

Snipes tirou da boca um cachimbo de urze-molar para poder falar. O seu fato-macaco estava tão gasto e remendado que a ganga original já nem se via, mas não tinham tentado disfarçar as cores velhas com as novas. Pelo contrário, o fato-macaco do capataz da equipa estava remendado com um esplendor de tecidos amarelos, verdes, vermelhos e cor de laranja. Considerava-se um homem letrado e argumentava que, uma vez que as cores berrantes e variadas na natureza serviam para avisar as outras criaturas do perigo, aqueles remendos dissuadiriam não só os vermes, tanto grandes como pequenos, podendo igualmente desencorajar pernadas de árvores e raios. Segurando no cachimbo defronte de si, contemplou-o um momento, ergueu a cabeça e falou:

— Há diferenças em todas as línguas do mundo — afirmou com sapiência, parecendo prestes a alargar-se sobre o tópico quando Ross ergueu a palma da mão.

— Aí vem o resultado — declarou. — Prepara-te pra ficares com os bolsos mais leves, Dunbar.

Campbell subiu para o toco do freixo e tirou um bloco do bolso do casaco. Os homens calaram-se. Campbell não olhou para os homens nem para os donos. Manteve o olhar no bloco enquanto falava, como para desmentir qualquer favoritismo mesmo enquanto lia o veredito.

— Mrs. Pemberton é a vencedora por 70 dm³ — declarou. Desceu do toco sem mais comentários.

Os homens começaram a dispersar, os que tinham apostado e ganhado, tal como Ross, com um passo mais vivo que os que haviam perdido. Em breve só restavam os que assistiam do alpendre.

— É motivo para um brinde de comemoração com o nosso melhor uísque — anunciou Buchanan.

Ele e Wilkie seguiram o Dr. Cheney e os Pembertons para o escritório. Passaram pela divisão da frente e entraram numa sala mais pequena com um bar numa das paredes e uma mesa de quatro metros ao centro, rodeada por uma dúzia de cadeiras com bons estofos de cabedal. A sala tinha uma lareira adornada com seixos do rio e apenas uma janela. Buchanan pôs-se atrás do bar e pousou uma garrafa de *Glenlivet* e água gaseificada sobre a madeira envernizada. Tirou de debaixo do bar cinco copos de fino cristal e encheu uma caixa de prata com pedaços de gelo tirados da geladeira.

— Chamo a isto a Sala de Recuperação — explicou o Dr. Cheney a Serena. — Como vê, está bem abastecida de todos os tipos de álcool. Considero-o suficiente para as minhas necessidades médicas.

— O doutor Cheney não tem necessidade de uma sala de recuperação noutra sítio, porque os doentes aqui do nosso amigo raramente recuperam — disse Buchanan de detrás do bar. — Conheço as preferências destes malandros, mas que prefere a senhora, Mrs. Pemberton?

— O mesmo.

Todos se sentaram exceto Buchanan. Serena estudou a mesa, deixando os dedos da mão esquerda correr pela superfície.

— Uma peça única de castanheiro — disse num tom de apreço. — A árvore foi cortada aqui perto?

— Neste mesmo vale — confirmou Buchanan. — Media trinta e três metros. Ainda temos de descobrir uma maior.

Serena ergueu o olhar da mesa e mirou a sala.

— Receio que seja bastante austera, Mrs. Pemberton — disse Wilkie —, mas é confortável e até acolhedora à sua maneira, especialmente no inverno. Esperamos que jante aqui connosco, como nós os quatro fizemos antes de termos o prazer da sua chegada.

Ainda a avaliar a sala, Serena assentiu com um gesto de cabeça.

— Excelente — disse o Dr. Cheney. — A beleza de uma mulher fará muito para alegrar este ambiente pesado.

Buchanan interveio ao passar a bebida a Serena.

— O Pemberton contou-me sobre o infeliz falecimento dos seus pais na epidemia de gripe de 1918, mas será que tem irmãos?

— Tinha um irmão e duas irmãs. Também morreram.

— Todos na epidemia? — quis saber Wilkie.

— Sim.

O bigode do homem estremeceu ao de leve, e os seus olhos lacrimosos entristeceram.

— Que idade tinha, minha querida?

— Dezasseis anos.

— Também perdi um ente querido na epidemia, a minha irmã mais nova — disse Wilkie a Serena —, mas perder toda a família e numa idade tão jovem. Nem consigo imaginar.

— Também lamento a sua perda, mas a sua boa sorte é agora também nossa — gracejou o Dr. Cheney.

— Foi mais que boa sorte — retorquiu Serena. — O próprio médico o disse.

— Então, a que atribui o meu colega a sua sobrevivência?

Serena olhou firmemente para Cheney, o olhar tão inexpressivo como o tom de voz.

— Disse que simplesmente eu me recusara a morrer.

O Dr. Cheney inclinou lentamente a cabeça, como se espreitasse a uma esquina. O médico ficou a olhar curiosamente para Serena, erguendo as espessas sobrancelhas por momentos, descontraíndo-se em seguida. Buchanan trouxe as outras bebidas para a mesa e sentou-se. Pemberton ergueu a sua e fez um sorriso para aligeirar o momento.

— Um brinde a mais uma vitória da gerência sobre a força de trabalho — propôs.

— Também eu lhe faço um brinde, Mrs. Pemberton — disse o Dr. Cheney. — A natureza do belo sexo é faltar-lhe a capacidade analítica do homem, mas, pelo menos neste caso, a senhora compensou de certa forma essa fraqueza.

As feições de Serena contraíram-se, mas a irritação desapareceu tão depressa quanto surgira, afastando-se do seu rosto como uma madeixa rebelde.

— O meu marido disse-me que o senhor é destas montanhas, de um lugar chamado Wild Hog Gap — disse Serena a Cheney. — É óbvio que a sua opinião sobre o meu sexo foi formada pelas desmazeladas com quem cresceu, mas asseguro-lhe que a natureza das mulheres é mais variada do que a sua experiência limitada lhe ensinou.

Como se puxados por anzóis, os cantos da boca do Dr. Cheney engelharam-se num sorriso sem alegria.

— Santo Deus, casou com uma atrevida — cachinou Wilkie, erguendo o copo para Pemberton. — Agora este acampamento ficará animado.

Buchanan foi buscar a garrafa de uísque e pousou-a na mesa.

— Já alguma vez tinha estado nesta região, Mrs. Pemberton? — perguntou-lhe.

— Não, nunca.

— Como vê, estamos um tanto isolados.

— Um tanto? — exclamou Wilkie. — Por vezes, parece-me que fui banido para a Lua.

— Asheville fica apenas a cerca de setenta e cinco quilómetros — lembrou Buchanan. — É um local com os seus encantos.

— Pois é — interpôs o Dr. Cheney —, incluindo vários sanatórios de tuberculosos.

— Mas terá sem dúvida ouvido falar da propriedade de George Vanderbilt — prosseguiu Buchanan —, que também lá fica.

— Biltmore é, na verdade, impressionante — concedeu Wilkie —, um verdadeiro castelo francês, Mrs. Pemberton. O próprio Olmstead veio de Brookline para desenhar o parque. A filha de Vanderbilt, Cornelia, vive lá agora com o marido, um britânico de nome Cecil. Fui convidado deles ocasionalmente. São pessoas muito atenciosas.

Wilkie interrompeu-se para esvaziar o copo e pousá-lo na mesa. Tinha as faces rosadas do álcool, mas Pemberton sabia que era a presença de Serena que o tornava ainda mais falador que o habitual.

— Buchanan, hoje ouvi uma frase digna do seu diário — prosseguiu Wilkie. — Junto do lago, dois trabalhadores discutiam uma luta e falavam de como um dos adversários «emplumou» o outro. Parece que quer dizer provocar grandes estragos.

Buchanan tirou do bolso interior do casaco uma caneta de tinta permanente e um livro de apontamentos forrado a pele preta. Pousou a caneta sobre uma folha e escreveu «emplumou» antecedido de um ponto de interrogação. Soprou na tinta e fechou o livrinho.

— Duvido que date do tempo das Ilhas Britânicas — declarou. — Talvez seja um coloquialismo ligado às lutas de galos.

— Sem dúvida que o Kephart saberia — disse Wilkie. — Já ouviu falar dele, Mrs. Pemberton, do nosso Thoreau³? Aqui o Buchanan é um grande admirador do seu trabalho, apesar de o homem estar por trás deste disparate do parque nacional.

— Vi os seus livros na montra da Grolier — disse Serena. — Como podem imaginar, as pessoas admiraram imenso um homem de Harvard que se transformou num Natty Bumppo⁴.

— Para além de ter sido bibliotecário em Saint Louis — lembrou Wilkie.

— Bibliotecário e escritor — disse Serena —, mas que deseja impedir-nos de colher o próprio material de que são feitos os livros.

Pemberton esvaziou o segundo copo de uísque e sentiu a macieza do álcool deslizar-lhe pela garganta, o ardor quente aumentando-lhe a satisfação. Sentia um espanto incrível pelo facto de aquela mulher, que ele nem sabia que existia ao deixar o vale três meses antes, ser agora sua. Pousou a mão direita no joelho de Serena, não se surpreendendo quando a mão esquerda dela lhe imitou o gesto. Ela inclinou-se para ele e, por alguns segundos, deixou a cabeça aninhar-se no espaço entre o seu pescoço e o ombro. Tentou imaginar uma forma de tornar aquele momento ainda melhor, mas nada lhe ocorreu exceto o facto de ele e Serena estarem sozinhos.

Às sete horas, duas criadas da cozinha puseram a mesa com loiça de porcelana *Spode*, talheres de prata e guardanapos de linho. Saíram e regressaram a empurrar um carrinho cheio de cestos de verga com biscoitos amanteigados e uma travessa de prata coberta de

³ Henry David Thoreau, famoso escritor, poeta e naturalista americano do século XIX, conhecido pela defesa de uma vida simples junto da natureza. (NT)

⁴ Protagonista de diversos romances de James Fenimore Cooper, entre os quais o famoso *O Último dos Moicanos*. (NT)

carne de vaca, grandes taças de cristal *Steuben* a transbordar de batatas, cenouras e abóbora, várias compotas e temperos.

Iam a meio da refeição quando Campbell, que estivera curvado sobre a máquina de somar na sala da frente, apareceu à porta.

— Preciso de saber se o senhor e Mrs. Pemberton mantêm de pé a aposta com o Bilded — declarou Campbell. — Por causa dos pagamentos.

— Há alguma razão em contrário? — perguntou Pemberton.

— Tem mulher e três filhos.

As palavras foram ditas sem expressão, e o rosto de Campbell nada deixava transparecer. Pemberton pensou, não pela primeira vez, como seria jogar póquer contra aquele homem.

— O que ainda é melhor — disse Serena. — Tornará a lição mais eficaz para os outros trabalhadores.

— Ele vai continuar como capataz? — quis saber Campbell.

— Sim, durante as próximas duas semanas — informou Serena, olhando não para ele mas sim para o marido.

— E depois?

— Será despedido — disse Pemberton ao encarregado. — Mais uma lição para os homens.

Campbell assentiu e regressou ao escritório, fechando a porta. Voltaram a ouvir-se os estalidos, a engrenagem e as pausas da máquina de somar.

Pareceu que Buchanan ia falar, mas tal não aconteceu.

— Algum problema, Buchanan? — perguntou Pemberton.

— Não — retorquiu o homem após um momento. — Não tive nada a ver com a aposta.

— Reparou como o Campbell tentou influenciá-lo, Pemberton? — quis saber o Dr. Cheney. — Mas sem parecer óbvio. Nestas coisas é bastante inteligente, não acha?

— Sim — concordou o outro. — Se a sua posição tivesse sido outra, podia ter-se matriculado em Harvard. Ao contrário de mim, talvez tivesse terminado o curso.

— Porém, sem a sua experiência nas tabernas de Boston — interveio Wilkie —, talvez tivesse sido vítima de Abe Harmon e da sua faca de mato.

— Isso é verdade — admitiu Pemberton —, mas o meu ano de esgrima em Harvard também contribuiu para essa educação.

Serena ergueu a mão até ao rosto de Pemberton e deixou que o dedo indicador contornasse a fina cicatriz esbranquiçada da sua face.

— Uma *Fechtwunde*⁵ é mais impressionante que uma pele de ovelha — declarou.

As criadas entraram com framboesas e natas. Uma das mulheres colocou ao lado da taça de Wilkie um copo com água e frascos com licores amargos e tónicos de ferro, e uma caixa com pastilhas de enxofre, poções para o seu estômago indisposto e o sangue cansado. As criadas serviram o café e saíram.

— Mas é óbvio que a senhora é uma mulher instruída, Mrs. Pemberton — disse Wilkie. — O seu marido disse-nos que é muito culta em artes e filosofia.

— O meu pai contratou tutores para o acampamento. Eram todos ingleses, educados em Oxford.

— O que explica o sotaque britânico e a cadência da sua forma de falar — comentou Wilkie num tom aprovador.

— E também explica sem dúvida uma certa frieza no seu tom — acrescentou o Dr. Cheney ao misturar as natas no café —, o que só os incultos entenderiam como falta de sentimentos para com os outros, incluindo a sua própria família.

Wilkie torceu o nariz, agastado.

— Pensar tal coisa é pior que ser inculto — comentou —, para além de cruel.

— Certamente — disse o médico, os lábios carnudos formando um círculo contemplativo. — Falo como quem não teve as vantagens de uma educação com tutores britânicos.

— O seu pai parece ter sido um homem notável — disse Wilkie, voltando a pousar o olhar em Serena. — Gostava de saber mais sobre ele.

— Porquê? — quis saber ela, intrigada. — Já morreu e agora não nos serve para nada.

⁵ Em alemão no original; ferimento obtido na esgrima. (NT)